

///CLARA
///FERREIRA
///ALVES

Os avatares da Barbie, e dos acessórios da Barbie, contam a história do feminismo mais do que qualquer tratado

DUAS DAS FRASES DA MINHA VIDA: eu não vou para a universidade 1) porque sou alta e loira; 2) porque vou casar rica. Ouvia-as num dos intervalos das aulas do liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, um lugar onde não entravam homens nem se podia andar sem meias. Podíamos fumar nas casas de banho e distribuir panfletos contra a guerra colonial. Desde que tivéssemos meias brancas até ao joelho podíamos fazer quase tudo. As mulheres aprendem depressa. Quando chegou a altura de decidir a vidinha, duas colegas soletraram as frases definitivas, um projeto de vida. A alta e loira não era assim tão alta e usava um penteado *bouffant*, ripado e com laca. Uma construção em cabelo platinado (falso) que o Frank Gehry não desdenharia. A mãe era igualzinha a ela, versão anterior, e permitia ver que o projeto ia acabar mal.

A que ia casar rica era uma menina redun-

ALTA, LOIRA, DE OLHOS AZUIS

dante, visto que já era rica e nutria por todas as atividades académicas o desdém de quem preferiria estar noutra tempo e noutra lugar, talvez num romance com abadias e cavaleiros galantes. Era também um bocado espessa, neurónios preguiçosos, pelo que o projeto de vida de um casamento abastado e tradicional nos parecia adequado. Sendo mulher, nunca descobri se estava a ser irónica ou não, descobri que casou. A alta e loira com olhos azuis era um protótipo da boneca do futuro, a Barbie. A Barbie apareceu mais tarde do que a minha infância e foi durante décadas a boneca ideal. A grande favorita. Ou seja, a Barbie era a boneca das meninas que os homens queriam quando fossem homens. Curiosamente, era também a boneca que as meninas queriam, porque tinha um guarda-roupa vasto e colorido, com calças à boca de sino e saltos altos, tinha cabelo *bouffant* platinado, tinha malas de verniz e tinha maquilhagem, rímel azul e bânton escarlate. E laca. Ou seja, a minha colega de confidências do liceu era uma pioneira. A Barbie tornou-se dominante, uma espécie de Apple dos brinquedos. E a grande questão intelectual das mães feministas do meu tempo tornou-se: dou ou não dou uma Barbie à minha filha? Porque a dita Barbie, sacrilégio, era a negação da emancipação das mulheres. Era a mulher que ia casar rica sem ter nascido rica. A Barbie era um modelo ocioso e um modelo de vulgaridade. A Madonna, que se fez fotografar nua em cenas sadomasoquistas e não se caracteriza por ter uma vida certinha, decidiu que nunca iria dar uma Barbie à filha, apesar de ela mesma, com os anos, ter ficado muito parecida com a Barbie. Alta (bem, quase...), loira, de olhos azuis (bem, quase...). Eu sempre tive simpatia pela Barbie, porque nada do que é desumano nos deve ser estranho. Sempre era melhor do que a boneca do meu tempo, um monstrozinho com lágrimas de resina que dava pelo nome de Bebê Chorão e que chorava quando devidamente apertado contra o peito maternal das meninas. De babet,

cabelo loiro e bracinhos rechonchudos, o Bebê Chorão dizia-nos o futuro: ter bebés chorões, tricotar-lhes botinhas de lã, mudar-lhes a fralda e dar-lhes o biberão, enquanto os pais brincavam com réplicas de Ferraris e camiões de bombeiros. A Barbie era uma feminista, alguém que se recusava, dada a silhueta esguia, a ter bebés chorões. E nunca tinha posto as pestanas numa fralda. Ou queimado as pestanas num livro.

Os avatares da Barbie, e dos acessórios da Barbie, contam a história do feminismo mais do que qualquer tratado. A anti-Barbie era a mulher de buço e outra penugem animal que queimava sutiãs. *Not good*. Com a passagem do tempo, a Barbie foi aprimorando, chegando a ser vestida por grandes costureiros e a calçar sapatinhos Louboutin. Karl Lagerfeld desenhou uma Barbie Chanel, e a Barbie Chanel, em vez de casar rica, tinha cartões de crédito e salários elevados, mestrados e vocação empresarial. **Uma Barbie Chanel podia aspirar, de Birkin na mão, a dirigir o FMI. Se a sra. Merkel tivesse tido uma Barbie no seu quartinho da Alemanha de Leste, a nossa vida podia ser outra.** As pobres dos bebés chorões foram varridas, como os ditos, da história das mulheres, onde a maternidade passou a ser mal vista.

E agora, leio num anúncio do "NYTimes", chegou a McKenna, Girl of the Year 2012, a boneca mais vendida no Natal. A McKenna é "uma rapariga determinada que usa as suas forças para tornar os desafios em triunfos". A McKenna é baixa e sólida, musculada, tem cabelo sedoso castanho claro (não ameaçador), olhos azuis-escuros sem maquilhagem e um saco de ginástica na mão. Os acessórios da McKenna são trampolins e colchões de ioga. E ferramentas, e barras de exercício. E coisas faça-você-mesma. A McKenna é uma atleta competitiva e tem nas mãos um cartão de ginásio. A McKenna tem trapos mas tem também "um inspirador mundo de livros para ler". É o Ken, em versão intelectual. Coitados dos homens. ☉

